



Mensagem do Papa Francisco para o 99º Dia Mundial das Missões 2025

Missionários da esperança entre os povos

19 de outubro de 2025

A Queridos irmãos e irmãs!

Para o Dia Mundial das Missões deste Ano Jubilar 2025, cuja mensagem central é a esperança (cf. Bula *Spes Non Confundit*, 1), escolhi o lema “Missionários da esperança entre os povos” que recorda, a cada um dos cristãos e a toda a Igreja, comunidade dos batizados, a vocação fundamental de ser mensageiros e construtores da esperança nas pegadas de Cristo. Faço votos de que seja um tempo de graça para todos, na companhia do Deus fiel que nos regenerou em Cristo ressuscitado “para uma esperança viva” (cf. 1Pd 1, 3-4). Desejo recordar alguns aspectos relevantes da identidade missionária cristã, para nos deixarmos guiar pelo Espírito de Deus e arder no santo zelo por uma nova estação evangelizadora da Igreja, enviada a reanimar a esperança em um mundo sobre o qual pairam densas sombras (cf. *Fratelli Tutti*, 9-55).

1. Nas pegadas de Cristo, nossa esperança

Ao celebrarmos o primeiro Jubileu Ordinário do Terceiro Milênio, após o ocorrido no ano santo de 2000, mantemos o olhar em Cristo, centro da história, que é “o mesmo ontem, hoje e para sempre” (Heb 13, 8). Ele, na sinagoga de Nazaré, declarou o cumprimento da Escritura no “hoje” de sua presença histórica. Revelou-se como o Enviado do Pai, com a unção do Espírito Santo, a fim de levar a Boa Nova do Reino de Deus e inaugurar “o ano da graça do Senhor” para toda a humanidade (cf. Lc 4, 16-21).

Nesse místico “hoje”, a prolongar-se até o fim do mundo, Cristo é a plenitude da salvação para todos, sobretudo para aqueles cuja única esperança é Deus. Em sua vida terrena, Ele “andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos” do mal e do Maligno (cf. Act 10, 38), restituindo a esperança em Deus aos necessitados e ao povo. Experimentou cada uma das fragilidades humanas, exceto a do pecado, passando por momentos críticos que poderiam levar ao desespero, como a agonia no Getsêmani e na cruz. Porém, Jesus confiou tudo a Deus Pai, obedecendo com plena confiança ao projeto salvífico em favor da humanidade, um projeto de paz por um futuro repleto de esperança (cf. Jr 29, 11). Desse modo, tornou-se o divino Missionário da esperança, modelo supremo de todos aqueles que, ao longo dos séculos, dão seguimento à missão recebida de Deus, mesmo entre provações extremas.

O Senhor Jesus continua o seu ministério de esperança em favor da humanidade por meio dos seus discípulos, enviados a todos os povos e acompanhados misticamente por Ele. Inclina-se sobre cada pobre, aflito, desesperado e oprimido pelo mal, a derramar “sobre as suas feridas o óleo da consolação e o vinho da esperança” (Prefácio Cristo, Bom Samaritano). A Igreja, comunidade dos discípulos-missionários de Cristo, obediente ao seu Senhor e Mestre e no mesmo espírito de serviço, prolonga essa missão em meio aos povos, oferecendo a sua vida por todos. Enquanto enfrenta perseguições, tribulações e dificuldades, bem como as suas próprias imperfeições e quedas devido às fraquezas dos seus membros, a Igreja é constantemente impelida pelo amor de Cristo a perseverar, unida a Ele, no seu caminho missionário e a escutar, como Ele e com Ele, o grito da humanidade sofredora, ao gemido de toda criatura à espera da redenção definitiva. Eis a Igreja que o Senhor chama sempre e para sempre a seguir os seus passos: “Não uma Igreja estática, mas uma Igreja missionária, que caminha com o Senhor pelas estradas do mundo” (Homilia na Santa Missa por ocasião da conclusão da Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 27 de outubro de 2024).

Sigamos assim inspirados a seguir os passos do Senhor Jesus, a nos pôr a caminho, para sermos, com Ele e n’Ele, sinais e mensageiros de esperança para todos, em qualquer lugar e circunstância que Deus nos concede viver. Que cada um dos batizados, discípulos-missionários de Cristo, faça brilhar a Sua esperança em todos os cantos da terra!

2. Cristãos, portadores e construtores de esperança entre todos os povos

Seguindo a Cristo Senhor, os cristãos são chamados a transmitir a Boa Nova, partilhando as situações concretas da vida com aqueles que encontram, tornando-se portadores e construtores de esperança. Pois “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco em seus corações” (Gaudium et Spes, 1).

Essa célebre afirmação do Concílio Vaticano II, que expressa o sentimento e o estilo das comunidades cristãs de todas as épocas, segue inspirando seus membros e os ajuda a caminhar com seus irmãos e irmãs pelo mundo. Dirijo-me especialmente a vocês, missionários e missionárias ad gentes que, seguindo o chamado divino, vão a outras nações para dar a conhecer o amor de Deus em Cristo. De todo o coração, muito obrigado! Suas vidas são uma resposta concreta ao mandato de Cristo ressuscitado, que enviou discípulos para evangelizar todos os povos (cf. Mt 28, 18-20). Dessa forma, evidenciam a vocação universal dos batizados a



serem, com a força do Espírito Santo e o empenho cotidiano, missionários entre os povos e testemunhas da imensa esperança que nos foi dada pelo Senhor Jesus.

O horizonte dessa esperança ultrapassa as realidades mundanas passageiras e abre-se às realidades divinas, que já podemos saborear no tempo presente. De fato, como recordava São Paulo VI, a salvação em Cristo, que a Igreja oferece a todos como dom da misericórdia de Deus, não é apenas “imaneente ao mundo, limitada às necessidades materiais ou mesmo espirituais que [...] se identificam com os desejos, as esperanças, os assuntos e as lutas temporais, mas sim, uma salvação que ultrapassa todos esses limites para realizar-se em uma comunhão com o único Absoluto Deus. Salvação transcendente, escatológica, que começa certamente nesta vida, mas se cumpre na eternidade” (Evangelii Nuntiandi, 27).

Impelidas por tão grande esperança, as comunidades cristãs podem ser sinais de uma nova humanidade em um mundo que, nas regiões mais “desenvolvidas”, apresenta graves sintomas de crise humana: um sentimento generalizado de desorientação, solidão e abandono dos idosos; dificuldade em estar disponível para ajudar a quem está ao redor. Nas nações tecnologicamente mais avançadas, a proximidade está diminuindo: estamos interligados, mas não em relacionamento. A eficiência e o apego às coisas e ambições nos tornam egocêntricos e incapazes de altruísmo. O Evangelho, vivido em comunidade, pode nos devolver a humanidade íntegra, saudável e redimida.

Por isso, renovo o convite para realizar as obras mencionadas na Bula de Proclamação do Jubileu (nn. 7-15), com especial atenção aos mais pobres e frágeis, aos doentes, aos idosos, aos excluídos de uma sociedade materialista e consumista. E fazê-lo ao estilo de Deus, ou seja, com proximidade, compaixão e ternura, em cuidar da relação pessoal com os irmãos e irmãs conforme a situação em que se encontram (Evangelii Gaudium, 127-128). Muitas vezes, são eles que acabam por nos ensinar a viver com esperança! Pelo contato pessoal podemos transmitir o amor do Coração compassivo do Senhor. Perceberemos que “o Coração de Cristo [...] é o núcleo vivo do primeiro anúncio” (Dilexit nos, 32). Ao beber dessa fonte, podemos oferecer com simplicidade a esperança recebida de Deus (cf. 1Pd 1, 21), levando aos outros a mesma consolação com que fomos consolados (cf. 2 Cor 1, 3-4). No Coração humano e divino de Jesus, Deus quer falar ao coração de cada pessoa, atraindo todos nós para o seu Amor. “Fomos enviados para continuar esta missão: ser sinal do Coração de Cristo e do amor do Pai, abraçando o mundo inteiro” (Discurso aos participantes da Assembleia Geral das Pontifícias Obras Missionárias, 3 de junho de 2023).



3. Renovar a missão da esperança

Perante a urgência da missão da esperança, os discípulos de Cristo são convocados, antes de tudo, a formar-se “artesãos” de esperança e restauradores de uma humanidade frequentemente distraída e infeliz.

Para isso, precisamos renovar em nós a espiritualidade pascal vivida a cada celebração eucarística, especialmente no Tríduo Pascal, centro e ápice do ano litúrgico. Fomos batizados na morte e ressurreição redentora de Cristo, na Páscoa do Senhor, que marca a eterna primavera da história. Portanto, somos “povo de primavera”, com o olhar cheio de esperança para compartilhar com todos, porque em Cristo “acreditamos e sabemos que a morte e o ódio não são as últimas palavras” sobre a existência humana (cf. Catequese, 23 de agosto de 2017). Do Mistério Pascal realizado nas celebrações litúrgicas e nos sacramentos, tiramos continuamente a força do Espírito Santo, com o zelo, a determinação e a paciência para trabalhar no vasto campo da evangelização do mundo. “Cristo ressuscitado e glorioso é a fonte profunda da nossa esperança, e a sua ajuda não nos faltará no cumprimento da missão a qual nos confiou” (Evangelii Gaudium, 275). N’Ele vivemos e testemunhamos aquela santa esperança que é “um dom e uma tarefa para todo o cristão” (Cf. A Esperança é uma luz na noite, Cidade do Vaticano 2024, 7).

Os missionários da esperança são homens e mulheres de oração, porque “a pessoa que espera é uma pessoa que reza”, como dizia o Venerável Cardeal Van Thuan, o qual manteve viva a esperança na longa tribulação do cárcere graças à força da oração perseverante e da Eucaristia, (cf. F.X. Nguyen Van Thuan, Il Cammino Della Speranza, Roma 2001, n. 963). Não esqueçamos que a oração é a primeira ação missionária e, ao mesmo tempo, “a primeira força da esperança” (Catequese, 20 de maio de 2020).

Renovemos, portanto, a missão da esperança a partir da oração, especialmente aquela feita com a Palavra de Deus e, em particular, com os Salmos, que são uma grande sinfonia de oração cujo compositor é o Espírito Santo (cf. Catequese, 19 de junho de 2024). Os Salmos ensinam a esperar na adversidade, a distinguir os sinais de esperança e a ter o constante desejo “missionário” de que Deus seja louvado por todos os povos (cf. Sal 41, 12; 67, 4). Ao rezar, mantemos viva a chama da esperança, acesa por Deus em nós, para torná-la um grande fogo a iluminar e aquecer todos ao nosso redor, com ações e gestos concretos inspirados por essa mesma oração.

A Evangelização é sempre um processo comunitário, assim como é a própria esperança cristã (cf. Spe Salvi, 14). E esse processo não termina com o primeiro anúncio e com o batismo, mas continua com a construção de comunidades cristãs por meio do acompanhamento de cada batizado no caminho do Evangelho. Na sociedade moderna, a pertença à Igreja nunca é uma realidade adquirida de uma vez



por todas. Por isso, a ação missionária de transmitir e formar a maturidade da fé em Cristo é “o paradigma de toda a obra da Igreja” (Evangelii Gaudium, 15), uma obra que exige comunhão de oração e ação. Por isso, insisto na importância dessa sinodalidade missionária da Igreja, como também sobre o serviço das Pontifícias Obras Missionárias em promover a responsabilidade missionária dos batizados, e em apoiar as novas Igrejas particulares. E exorto todos – crianças, jovens, adultos, idosos – a participar ativamente na missão evangelizadora em comum ao testemunho de vida e oração, com os seus sacrifícios e sua generosidade. Agradeço muito por isso!

Queridos irmãos e irmãs, recorramos a Maria, Mãe de Jesus Cristo, nossa esperança. A ela confiamos nossa esperança para este Jubileu e para os anos futuros: “Que a luz da esperança cristã chegue a cada pessoa, como mensagem do amor de Deus dirigida a todos. E que a Igreja seja testemunha fiel desse anúncio em todas as partes do mundo” (Bula Spes non Confundit, 6).

Roma, São João de Latrão, 25 de janeiro de 2025, Festa da Conversão do Apóstolo São Paulo.

Franciscus